

mercado



Quitanda na cidade de São Paulo; alimentação segue em alta, apesar de queda no índice IPCA-15 Adriana Toffetti/Ata Press/Agência o Globo

# Inflação cai em prévia, mas em 4 capitais ainda passa de 10%

Combustíveis puxaram deflação de 0,73% em agosto, enquanto alimentos continuaram avançando

Leonardo Vieceli

**RIO DE JANEIRO** A inflação medida pelo IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15) recuou 0,73% em agosto e foi a menor taxa desde o começo da série histórica, iniciada em novembro de 1991, informou o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).  
A redução foi puxada pelo recuo dos preços dos combustíveis, principalmente da gasolina, e da energia elétrica. Mas a inflação acumulada em 12 meses pelo IPCA-15 ainda está em dois dígitos, acima de 10%, em 4 das 11 capitais e regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE.

No Brasil, a alta em 12 meses desacelerou para 9,66% até agosto, informou o instituto. O acumulado estava acima de 10% havia 11 divulgações, desde setembro de 2021. De acordo com o IBGE, Salvador registrou a maior infla-

ção medida pelo IPCA-15 até agosto: 10,88%. A alta estava em 12,74% até julho.

Na metrópole baiana, vestuário (29,36%) e alimentação e bebidas (15,05%) foram os grupos de produtos e serviços com as maiores variações em 12 meses até agosto.

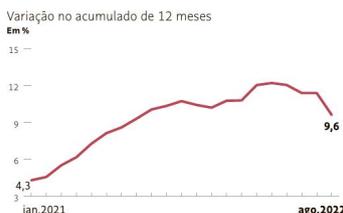
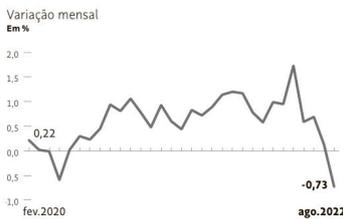
São Paulo teve a segunda maior alta no período. O IPCA-15 subiu 10,39% até agosto na região metropolitana da capital paulista.

Vestuário (17,03%) e alimentação e bebidas (15,95%) também foram os grupos com os avanços mais intensos. O IPCA-15 acumulado estava em 11,57% até julho em São Paulo.

Rio de Janeiro (10,17%) e Curitiba (10,07%) são as outras duas metrópoles que ainda acumulam alta de dois dígitos em 12 meses.

A outra ponta da lista é ocupada por Belém. A região metropolitana da capital parense registrou inflação de 7,20% até agosto. E a variação menos

## Inflação medida pelo IPCA-15



Fonte: IBGE

intensas nas capitais. Porto Alegre (7,93%) e Goiânia (8,35%) vêm na sequência.

Até julho, 10 das 11 metrópoles tinham IPCA-15 acima de 10%. Curitiba mostrava a maior variação até o mês passado (12,75%), e Belém (9,10%), a menor.

O índice oficial de inflação no Brasil é o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), também divulgado pelo IBGE.

Como a variação do IPCA é calculada ao longo do mês de referência, o dado de agosto ainda não está fechado. Será conhecido em 9 de setembro.

O IPCA-15, divulgado antes, sinaliza uma tendência para os preços. O indicador prévio costuma ser calculado entre a segunda metade do mês anterior e a primeira metade do mês de referência da divulgação. Nesse caso, a coleta ocorreu de 14 de julho a 12 de agosto.

A redução de 0,73% em agosto foi puxada pelo recuo dos preços dos combustíveis, principalmente da gasolina, e da energia elétrica. Nos dois casos, houve impacto de cortes tributários aprovados às vésperas das eleições. Alimentos e bebidas, por outro lado, continuaram em alta.

Analistas consultados pela agência Bloomberg projetavam um recuo mais intenso em agosto, de 0,82%. Em julho, o IPCA-15 havia registrado inflação de 0,13%.

A carestia às vésperas das eleições pressiona o governo Jair Bolsonaro (PL), que teme os efeitos da perda do poder de compra dos brasileiros.

Para tentar reduzir os danos, o presidente aposta em um pacote de benefícios tributários, incluindo o Auxílio Brasil, e no corte de tributos, que já alcançou parte dos preços.

Na reta final de junho, Bolsonaro sancionou projeto que definiu teto para cobrança de ICMS (imposto estadual) sobre combustíveis, energia elétrica, transporte e telecomunicações. A medida resultou em baixa nos preços de produtos como a gasolina.

Conforme o IBGE, 6 dos 9 grupos pesquisados no IPCA-15 subiram em agosto. A deflação deste mês foi puxada pela queda no grupo de transportes (-5,24%). O segmento contribuiu com -1,15 ponto percentual para o resultado geral.

A variação de transportes teve impacto da queda dos combustíveis (-15,33%). A gasolina baixou 16,80%, com a maior contribuição individual para a deflação (-1,07 ponto percentual).

Também foram registradas quedas no etanol (-10,78%), no gás veicular (-5,40%) e no óleo diesel (-0,56%). A passagem aérea (-12,22%) foi outro subitem em baixa, após quatro meses consecutivos de alta.

Houve recuo ainda nos grupos habitação (-0,37%) e comunicação (-0,30%). A queda de habitação ficou associada à redução da energia elétrica residencial (-3,29%).

O IBGE destacou que estados reduziram alíquotas de ICMS sobre as contas de luz. Além disso, a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) aprovou revisões tarifárias extraordinárias em diferentes distribuidoras, o que também gerou alívio, segundo o instituto.

A comida, por outro lado, seguiu em alta. A maior elevação entre os grupos veio justamente de alimentação e bebidas: 1,12%. O avanço foi mais intenso em julho (1,16%).

O grupo de alimentação e bebidas também registrou o principal impacto para cima no IPCA-15: 0,24 ponto percentual. O resultado foi influenciado pelo aumento nos preços de leite longa vida.

O produto disparou 14,21% em agosto. Foi o maior impacto individual positivo no índice do mês (0,14 ponto percentual). Outros destaques vieram das frutas (2,99%), do queijo (4,18%) e do frango em pedaços (3,08%).

# Varejistas sobem na Bolsa após deflação, mas exterior pesa

Clayton Castelani

**SÃO PAULO** Preocupações com as principais economias do planeta apagam parte dos ganhos do mercado de ações brasileiro nesta quarta-feira (24), que abriu com alta consistente durante boa parte do dia com o impulso da valorização do petróleo sobre as ações da Petrobras e o ânimo do setor varejista com dados prévios que indicam a desaceleração da inflação em agosto.

Parâmetro para a Bolsa, o índice Ibovespa fechou com ligeiro ganho de 0,04%, a 112.897 pontos. No início da tarde, o indicador havia escalado aos 113.887 pontos, uma elevação de quase 1% em relação à véspera.

Além da valorização de 0,60% da Petrobras, beneficiada pela alta do preço do petróleo, importantes varejistas contribuíram para sustentar o índice Ibovespa no azul.

Magazine Luiza e Natura subiram mais de 8%. A empresa de viagens CVC saltou 11,3%.

O setor de varejo é sensível à variação da inflação, já que o ramo depende do aumento do poder de compra da população e da queda da taxa de juros para crescer, segundo Camila Abdelmalack, economista-chefe da Veedha Investimentos.

O IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15) teve deflação de 0,73% em agosto. É a menor taxa desde o começo da série histórica, iniciada em novembro de 1991. O índice acumula avanço de 9,66% em 12 meses. Até o mês passado, a alta era de 11,39%.

"A deflação é sempre uma notícia bem recebida pela população", comentou Abdelmalack.

No exterior, porém, o ambiente para os negócios inspirou cautela, segundo Nicolas Borsori, economista-chefe da Nova Futura.

Além da expectativa sobre a postura dos membros do Fed (Federal Reserve, a autoridade monetária americana) no simpósio de bancos centrais que ocorrerá nesta quinta-feira (25) em Jackson Hole, nos Estados Unidos, o mercado está atento a questões que atrapalham o crescimento da China, destino mais importante para as exportações brasileiras.

Jennie Li, estrategista de ações da XP, destacou a queda de 1,2% do índice de Hang Seng, da Bolsa de Hong Kong, após resultados fracos das montadoras de veículos.

As empresas tiveram o abastecimento prejudicado pelas restrições impostas para o controle da Covid.

Além disso, o racionamento de energia em algumas regiões do país, por conta da seca severa, continua causando preocupações quanto à atividade econômica chinesa, afirmou a estrategista da XP.

As ações da mineradora Vale devolveram metade do lucro da véspera e fecharam com queda de 3,22%, exercendo o maior peso negativo sobre o Ibovespa.

O dólar comercial fechou a sessão em alta de 0,21%, cotado a R\$ 5,11. Em geral, moedas de países emergentes perderam valor contra a divisa americana —refletindo preocupação com uma possível escalada dos juros, segundo Fábio Guarda, sócio e gestor da Galapagos Capital.

## COMUNICADO

### CLARO REPASSA REDUÇÃO DE ICMS PARA CLIENTES DE ESTADOS ONDE ALÍQUOTA MUDA.

A Claro, primando pelo pilar da transparência, reafirma seu compromisso de repassar integralmente aos seus clientes o benefício da redução do ICMS, decorrente da Lei Complementar nº 194/2022.

A complexidade das adaptações sistêmicas necessárias e os diferentes tempos de adesão dos Estados exigiram um grande esforço e um período de transição, que está próximo da conclusão.

Clientes já começaram a ter a redução do imposto repassada e, entre setembro e novembro, receberão desconto retroativo referente ao período de ajustes nos sistemas.

Inicialmente, à medida que os Estados aderirem à mudança, foi implementada a **redução da alíquota do ICMS**. Nessa etapa, também começou o ajuste dos sistemas para possibilitar a revisão dos preços com as novas alíquotas.

Em paralelo, teve início o processo de **repasso da redução do ICMS**. Primeiramente, a partir de julho, o repasse foi feito para serviços de menor complexidade sistêmica. E, em setembro, concluiremos o repasse para os demais serviços.

Por fim, será feito o **ressarcimento do valor** referente à redução relativa aos serviços em que não foi possível o repasse imediato. Nesses casos, o ressarcimento será feito de setembro a novembro, dependendo do ciclo de vencimento da fatura. Essa etapa exige um desenvolvimento de sistema específico, que também demanda tempo.

Para mais informações, os clientes podem entrar em contato com nossos canais de atendimento.

